

**A grafia dos róticos intervocálicos no português da Ilha do Príncipe:
Fusão fonológica e ensino**

**The spelling of intervocalic rhotics in Principense Portuguese:
Phonological merging and teaching**

Ana Livia Agostinho¹, Maiara Casal Mendes²

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

RESUMO

Este estudo tem por objetivo analisar e discutir a grafia dos róticos intervocálicos do português do Príncipe, falado em São Tomé e Príncipe, observando seu comportamento fonológico e questões relacionadas à ortografia e contato linguístico. Esta pesquisa propõe que os desvios ortográficos encontrados na Ilha do Príncipe corroboram a perda de distinção fonológica e fusão fonológica dos fonemas róticos nesta variedade, proposta por Agostinho (2016, 2017) e Agostinho, Soares e Mendes (2020a, 2020b). Sendo assim, afirmamos que os róticos nesta variedade apresentam variação fonológica em relação a outras variedades de português. Ademais, argumentamos que essa fusão deve ser levada em consideração pelos professores da variedade, uma vez que a regra de uso de <r> e <rr> não reflete uma distinção fonológica, como é o caso em PE e PB.

PALAVRAS-CHAVE:

Português do Príncipe. Fonologia. Ortografia. Róticos. São Tomé e Príncipe. Fusão Fonológica.

ABSTRACT

This study aims to analyze and discuss the orthography of intervocalic rhotics in Principense Portuguese, spoken in São Tomé and Príncipe, observing their phonological behavior and issues related to spelling and linguistic contact. This research proposes that the orthographic mistakes found in Príncipe Island corroborate the loss of phonological distinction and phonological merging of the rhotic phonemes in this variety, proposed by Agostinho (2016, 2017) and Agostinho, Soares and Mendes (2020a, 2020b). Therefore, we argue that the rhotics in this variety present a case of phonological variation in relation to other Portuguese varieties. Furthermore, we argue that this fusion should be taken into account by teachers of this variety, since the rule for writing <r> and <rr> does not reflect a phonological distinction, as is the case in PE and PB.

KEYWORDS:

Portuguese of Príncipe. Phonology. Orthography. Rhotics. São Tomé and Príncipe. Phonological Merging.

Recebido em: 31.08.2020

Aceito em: 02.11.2020

¹ E-mail: a.agostinho@ufsc.br | ORCID: 0000-0002-2395-4961.

² E-mail: mmaiaramendes@gmail.com | ORCID: 0000-0002-6044-6587.

1. Introdução

Neste trabalho, pretendemos analisar e discutir os segmentos róticos da variedade do português do Príncipe (PP) no que concerne a sua fonética, fonologia e ortografia, bem como sua relação com a educação. Essa variedade, que conta com 98,2% da população de falantes de português, aparece em São Tomé e Príncipe (STP), um país insular localizado na costa oeste do continente africano. No local, convivem com o português outras quatro línguas crioulas, tratando-se de um país multilíngue, onde se estabelecem situações de contato linguístico (Agostinho, 2015).

Conforme Callou e Leite (1990), a alfabetização pressupõe a homogeneização e normatização da língua escrita, por mais que saibamos que a língua não é homogênea. Segundo as autoras, há, sem dúvida, uma relação estreita entre fonética, fonologia e educação, mais diretamente no domínio da ortografia.

Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2015) argumentam que as áreas da fonética e da fonologia estão diretamente envolvidas com o processo de alfabetização e letramento, e que para aumentar o nível de letramento de uma comunidade é preciso olhar para os elementos que influenciam o desempenho dos alunos.

De acordo com Rona (1965), o professor não é bem sucedido muitas vezes por não ter uma preparação linguística e por não compreender a variação dialetal. O autor argumenta que os erros de ortografia cometidos pelos alunos são valiosos para os estudos linguísticos. Callou e Leite (1990) afirmam que o professor pode tirar proveito dos desvios ortográficos para uma reanálise da língua, em vez de se zangar-se com os alunos.

Callou e Leite (1990) propõem que esses erros refletem uma falta de correspondência entre o sistema de fonemas e o sistema de grafemas, o que pode ocorrer porque o sistema de grafemas é distinto do sistema fonêmico do dialeto em questão. Dessa forma, a análise fonêmica pode estabelecer as relações entre fonemas e grafemas de determinado dialeto e evidenciar quais serão as dificuldades que o aluno encontrará no processo de alfabetização (Callou e Leite, 1990). Um sistema integrado grafema-fonema parece ser inviável, já que teria que levar em conta todas as variações do português (Callou e Leite, 1990).

Segundo Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2015), é comum que o alfabetizador, quando questionado sobre o número de vogais no português, diga que são cinco, e não sete. Portanto, a proposta das autoras é que o professor primeiramente conheça o conteúdo da área e reflita sobre

como se dá o processo de aprendizagem do aluno.

Quanto à questão do contato linguístico, Thomason (2001) sugere que esse fenômeno apareça quando mais de uma língua é utilizada no mesmo lugar e ao mesmo tempo, na comunicação entre falantes de variedades diferentes. O fenômeno é condicionado por alguns fatores, como o tempo pelo qual esse contato é estabelecido e outras circunstâncias sociais. Portanto, uma língua de contato surge em uma “situação” de contato (Thomason, 2001).

Cardoso, Hagemeyer e Alexandre (2015) comentam que, em virtude das expansões marítimas portuguesas à África e à Ásia a partir do século XV, situações de contato linguístico foram instituídas através da interação entre falantes de línguas europeias e africanas, o que propiciou o desenvolvimento de variedades de pidgins e crioulos. Algumas das variedades que se desenvolveram extinguíram-se, especificamente na Ásia, havendo hoje somente alguns registros da sua transição entre os séculos XIX ao XX. As ainda existentes, exceto na Alta Guiné, apresentam-se, de modo geral, em extenuação.

Myers-Scotton (2002) ressalta que são necessários alguns elementos sócio-históricos para a formação de pidgins e crioulos, como a coexistência de falantes de línguas ininteligíveis e de um sistema de plantation isolado. Agostinho (2015) destaca que a junção desses elementos ao ambiente “ilha” e à violência do sistema escravista de STP daquele período retrata um cenário bastante oportuno para a emergência de línguas crioulas. Isto posto, existia limitada possibilidade de movimentação dos indivíduos, assim como imposições linguísticas e culturais do colonizador, além da multiplicidade linguística e criatividade dos falantes (Agostinho, 2015).

Assim sendo, Carvalho e Lucchesi (2016) explicam que os processos de pidginização e crioulição europeus decorreram principalmente de situações assimétricas, de modo que uma minoria europeia e dominante impôs sua língua a uma maioria falante de idiomas diversos e ininteligíveis entre si. Conforme os autores, o estágio inicial da comunicação desse cenário, que pode ser chamado de pré-pidgin (Siegel, 2008 *apud* Carvalho e Lucchesi, 2016), é isento de estrutura gramatical e consiste na aquisição de um vocabulário reduzido da língua dominante. Uma vez que os falantes possuem pouco acesso à estrutura gramatical da língua dos dominantes, eles recorrem à estrutura gramatical de suas línguas nativas para a gramaticalização do pré-pidgin. Então, a partir do momento em que se altera a função comunicativa desse sistema, passando a ser utilizado para além das interações dominante-dominado, o pidgin é concebido. O processo de crioulição, por sua vez, ocorre quando essa variedade desenvolvida passa a ser adquirida como primeira língua

pelas novas crianças nascidas em tais circunstâncias de contato.

Este texto encontra-se dividido em cinco partes. Após a introdução, a primeira seção trata do contexto social e histórico de STP; na sequência, a segunda seção traz uma revisão teórica de estudos relacionados à grafia dos róticos em português brasileiro e europeu; na seção seguinte, é feita uma revisão teórica quanto aos róticos em PP e em português de São Tomé (PST); em seguida, a discussão descreve e analisa os desvios ortográficos encontrados nos dados coletados e estabelece a relação entre a fonologia e a educação; por fim, apresentamos nossa conclusão acerca da pesquisa.

2. Contexto sócio-histórico de STP

A República de São Tomé e Príncipe é o menor Estado da África Ocidental e está localizada no Golfo da Guiné, na costa oeste do continente africano. STP é composto por duas ilhas principais, a Ilha de São Tomé e a Ilha do Príncipe, e por demais ilhotas. Ao todo, o país possui cerca de 1001 km², tendo como distância marítima entre as duas ilhas centrais cerca de 150 km. Em termos populacionais, segundo o INE (2012), a Ilha de São Tomé possui aproximadamente 180 mil habitantes e a Ilha do Príncipe cerca de 7 mil (Agostinho, 2015).

Quanto ao período da chegada dos primeiros habitantes às ilhas, as datas são incertas. Considera-se que as ilhas passaram a ser ocupadas por portugueses, outros europeus e escravizados africanos a partir de 1470. A Ilha de São Tomé teria sido povoada entre 1470 e 1478, e a Ilha do Príncipe a partir de 1479 (Campos, 1971 *apud* Bandeira, 2017; Ferraz, 1979). O processo de povoamento das ilhas é dividido em duas fases, a primeira referente ao ciclo de açúcar, e a segunda relativa ao cultivo de café e cacau (Gonçalves e Hagemeijer, 2015).

A primeira fase teve início com a definitiva colonização de STP em 1493, e consistiu no cultivo de cana-de-açúcar. A produção das lavouras era em larga escala no modelo *plantation*, baseando-se em trabalho escravo intenso, monocultura e exportação (Seibert, 2015). Esse período foi de abundante contato entre as variedades linguísticas africanas e europeias e, portanto, importante para o surgimento de uma língua de contato básico entre os indivíduos, originando o protocioulodo Golfo da Guiné³ (PGG), de base lexical portuguesa (Bandeira, 2017). Com as contínuas expansões

³ O PGG deu origem às quatro línguas faladas no Golfo da Guiné: forro (ou santome), angolar, lung'le e fa d'Ambô.

territoriais portuguesas, essa mesma protolíngua deu origem aos demais crioulos da região (Gonçalves e Hagemeyer, 2015). Por fim, o período se encerra com o declínio da economia açucareira no final do século XVI, por efeito de ataques de holandeses e outros povos europeus e de rebeliões por escravizados fugidos (Maurer, 2009).

A segunda fase se deu a partir de 1875, como consequência da crise de mão-de-obra decorrente da abolição da escravatura e do fim do comércio de escravizados. Em vista dessas circunstâncias, o regime de contrato foi instituído, sendo contratados trabalhadores de Angola, Cabo Verde e Moçambique, também colônias portuguesas. Esses contratados, na época, representavam cerca da metade da população. Além disso, houve um aumento de colonizadores portugueses, também relacionado ao novo ciclo econômico (Gonçalves e Hagemeyer, 2015). Nessa ocasião, procedeu-se ao cultivo de café, sementes de cacau, canela, entre outras especiarias, principalmente na Ilha do Príncipe (Maurer, 2009).

Gonçalves e Hagemeyer (2015) salientam que antes da segunda fase de povoamento predominavam, como língua materna, o forro, na Ilha de São Tomé, e o lung'le, na Ilha do Príncipe. O português, por sua vez, possuía poucos falantes nativos e era utilizado, sobretudo, na comunicação oficial do regime colonial. Entretanto, após a segunda fase de povoamento, Gonçalves e Hagemeyer (2015) observam que se efetuou uma vigorosa alteração linguística em virtude do novo e numeroso povoamento português. Devido à presença notória do português no arquipélago, portanto, o uso das línguas crioulas foi interrompido, consolidando-se o português como primeira língua. Posteriormente, essa condição foi reforçada com a independência do país, em 1976.

Ademais, outras línguas foram sendo inseridas no território nesse mesmo período de contratação de novos trabalhadores, a destacar o kabuverdianu, oriundo de Cabo Verde, que é hoje amplamente falado na Ilha do Príncipe. Registre-se, além disso, o surgimento do português dos tongas nas grandes senzalas das empresas agrícolas, que compreendiam um amplo número de falantes de línguas bantas em contato com o português. Essa variedade, hoje praticamente extinta, influenciou o português atualmente falado no arquipélago (Rougé, 1992; Baxter, 2002, 2004).

São Tomé e Príncipe, portanto, trata-se de um país multilíngue, que abrange, ao todo, quatro línguas crioulas de base portuguesa, mais o português, que é língua oficial desde 1975. Dentre esses crioulos, o forro (ou santome), o angolar e o lung'le (ou principense), apesar de congêneres, não são inteligíveis entre si atualmente. O kabuverdianu, por sua vez, foi transplantado de Cabo Verde,

na Alta Guiné (Agostinho, 2015).

O forro, que foi desenvolvido entre a população mestiça de São Tomé, e o angolar, proveniente do crioulo dos quilombos refugiados na parte sul do território, são falados na Ilha de São Tomé. Na Ilha do Príncipe são falados o lung'le, que foi desenvolvido em São Tomé e posteriormente transplantado ao Príncipe (Carvalho e Lucchesi, 2016), e o kabuverdianu, transplantado ao Príncipe no século XX (Bandeira, 2017). Conforme Hagemeijer (2009), essas variedades não possuem o estatuto de língua oficial nem estão incluídas no meio escolar. Nos âmbitos formais, como Estado, mídia e educação, é empregado o português, seguindo a norma europeia (Agostinho, 2015; Agostinho e Bandeira, 2017). Ademais, STP é hoje reconhecido como o país africano que possui o maior número relativo de falantes de português como língua primeira (Bouchard, 2017).

Quanto ao número de falantes das línguas crioulas no arquipélago, Agostinho (2015) nota não haver consenso nas pesquisas. Em relação ao lung'le, encontra-se variação de 20 (Maurer, 2009) a 200 falantes (Agostinho, 2015). Valkhoff (1966) e Günther (1973) demonstram um processo de extinção do lung'le já em curso na época de suas publicações. Deve-se registrar aqui o advento da epidemia da doença do sono (Maurer, 2009), ocorrida na Ilha do Príncipe por volta de 1900. Conforme dados de Günther, de um total de cerca de 3000 pessoas, sobreviveram apenas cerca de 300. Como consequência, o número de falantes do lung'le sofreu um declínio. Além disso, após esse episódio, trabalhadores de outras colônias portuguesas, como de Angola, Moçambique, São Tomé e Cabo Verde, foram transplantados para o Príncipe, o que implicou em maior desuso e declínio do lung'le. No entanto, isso propiciou também o surgimento de uma nova diversidade linguística na região, em decorrência das novas variedades linguísticas.

Segundo Agostinho (2015), o forro é a língua crioula de maior prestígio em São Tomé e Príncipe. Bandeira (2017) explicita que, depois do português, o angolar é a língua com maior número de falantes, sendo a maioria do Distrito de Caué, no sudeste da ilha (AGOSTINHO, 2015). O kabuverdianu, por sua vez, possui milhares de falantes no Príncipe, que se encontram principalmente nas roças coloniais e em locais rurais mais afastados (Agostinho, 2015).

O português de São Tomé tal como o de Príncipe figuram variedades distintas e singulares, em virtude de todo o contexto histórico e social e do contato com as línguas locais. Isto posto, e como expõem Santiago e Agostinho (2020), variedades portuguesas diversas são faladas, mas exige-

se e legitima-se oficialmente apenas a variedade europeia.

3. A grafia dos róticos em PB e PE

Uma das primeiras hipóteses elaboradas acerca dos sons róticos do sistema consonantal do português brasileiro é a de Camara Jr. (1953). O autor defende a existência de apenas um único fonema rótico no PB, que é a vibrante de articulação forte. Ele afirma que o fonema apresenta o “r brando” como alofone posicional enfraquecido em contexto intervocálico não-geminado e a fricativa velar, em variação livre, substituindo a vibrante. Para resolver a questão da distinção fonológica entre ‘r fraco’ e ‘R forte’ em posição intervocálica, Camara Jr. estabelece a oposição entre geminada *versus* não geminada, fundamentada em uma análise diacrônica. Assim, o autor argumenta que o fonema é realizado como ‘R forte’ em início absoluto de palavra e em coda. Em contexto intervocálico, é realizado como ‘R forte’ somente se for geminado (como ‘carro’), ao passo que em contexto sem geminção (como ‘para’), é realizado o ‘r fraco’. Segundo Camara Jr., houve dois processos de mudança do sistema consonantal no transcorrer da história: a simplificação das geminadas e o enfraquecimento das consoantes simples. Para explicar o primeiro processo, ele toma o caso das palavras latinas, como ‘*ferrum*’ (ferro) *versus* ‘*ferum*’ (feroz) e ‘*mollis*’ (mole) *versus* ‘*molis*’ (tu móis). Assim, argumenta que não havia a distinção como vemos hoje entre um /r/ longo ou múltiplo e um /r/ simples, mas entre uma geminção com duas consoantes de articulação idêntica e uma simples. Dessa maneira, afirma que a geminção sofreu um processo de simplificação, reduzindo-se a apenas um /r/ simples, mas que a oposição entre uma vibrante forte e outra fraca foi mantida. Quanto ao r-múltiplo, relativo ao /r/ latino vibrante alveolar, verificado em posição inicial ou medial não intervocálica, correspondendo à geminada (erra), argumenta ter sido mantido. Camara Jr. explica que, nesse caso, houve uma anulação fonética do primeiro elemento de uma geminção consonântica. Em relação ao processo de enfraquecimento, o r-simples latino, em virtude da posição intervocálica, tornou-se o r-brando. E, para sustentar sua proposição da existência de somente o ‘R forte’ no PB, alega que em delimitação vocabular é possível perceber a geminção intervocálica. Face a esse argumento, menciona o caso da pronúncia de ‘ar roxo’ por falante do dialeto carioca, assim como os casos de *paz + sólida* e *pá + sólida*, e *paz + zinha* e *pá + zinha*. Em tais situações, efetua-se a geminção consonântica, de modo que o primeiro elemento é perceptível apenas na condição de delimitação vocabular. Desse modo, o primeiro

segmento da geminação, eliminado foneticamente, atua somente na manutenção do som do segmento seguinte. Em relação ao espanhol, Hualde (2004) afirma que esse contraste também é limitado, pois há neutralização desse contraste nas demais posições, relacionando-se diretamente com a oposição de geminado e não-geminado encontrada no latim.

No entanto, em 1970 Camara Jr. muda de direção e passa a assumir a existência de dois fonemas róticos em PB. O autor aponta a oposição entre um ‘R forte’ (podendo ser, foneticamente, múltiplo, velar, uvular ou fricativo) e um ‘r fraco’ (que se manifesta por meio de um único golpe vibratório da ponta da língua junto aos dentes superiores, ou seja, o tepe). Ele argumenta que o ‘r fraco’ ocorre apenas depois de ditongo e entre vogais, determinando a distinção entre ‘erra’ e ‘era’, por exemplo.

Também Abaurre e Sandalo (2003) são a favor da proposta de um único fonema rótico que é realizado pela vibrante. A hipótese das autoras é ancorada na teoria de traços, e assumem a proposta de Halle (1995) e Halle, Vaux e Wolfe (2000), que dialoga com a Teoria do Articulador (Halle, 1995). Em seu estudo, as autoras representam a derivação da fricativa glotal a partir da vibrante, seguindo o critério da simplicidade, requerido pelo gerativismo. Acompanhando Camara Jr. (1953), argumentam que a vibrante sofre um processo de enfraquecimento entre vogais. Segundo a análise das autoras, a vibrante perde o traço de continuidade e transforma-se em um tepe. Como evidência de sua proposta, mencionam o caso de ‘mar’ e ‘mar azul’, em dialetos nos quais o ‘R forte’ é realizado como fricativa, afirmando que esse segmento, originalmente em coda, acaba por ser realizado como tepe depois da juntura de palavras em contexto intervocálico.

Similarmente, Mateus e d’Andrade (2000) argumentam que há apenas um som rótico no português. Contudo, assumem o tepe como único fonema, podendo ser realizado como /r/ ou /r/. Segundo os autores, a distribuição dos róticos é previsível em fronteiras de palavra. Na posição intervocálica, postulam que é possível haver dois róticos, um na coda na primeira sílaba e outro no onset, na forma subjacente, havendo, dessa forma, ‘carro’ /karro/ e ‘caro’ /karo/. De acordo com esta análise, como o segundo /r/ ocorre após uma consoante, o outro /r/ é realizado como [r], enquanto o primeiro é apagado da coda silábica. Os autores argumentam que palavras com [r] intervocálico nunca podem ser proparoxítonas, já que se trata de uma sílaba com coda e, portanto, pesada. Um argumento que seria contra esta proposta é o fato de que a silabificação é previsível e possivelmente não está na estrutura subjacente, já que pares mínimos apenas com silabificação são muito raros e normalmente não ocorrem (Blevins, 1995), como é o caso do português. Além disso,

palavras com [r] intervocálico podem ser oxítonas, tal como ‘pierrô’ e ‘forró’, o que não deveria acontecer caso o peso silábico sempre determinasse o acento.

Massini-Cagliari, Cagliari e Redenbarger (2016), por outro lado, afirmam que o português brasileiro possui duas variedades róticas. Segundo os autores, elas apresentam contraste somente em posição intervocálica, como ‘caro’ *versus* ‘carro’, distribuindo-se de modo complementar nas demais posições. Os autores argumentam que tal contraste é refletido na ortografia por meio do uso de <r> para representar /r/, o ‘r fraco’, e <rr> para representar /h, x/, o ‘R forte’. Afirmam que o ‘r fraco’ é empregado entre segmentos vocálicos e como segundo membro de um onset complexo, e o ‘R forte’ em início de palavra (roda) e início de sílaba depois de coda não-vocóide (Israel).

Na mesma linha, Bisol (1996) argumenta que no contexto intervocálico (o mais favorável ao aparecimento de consoantes), há a oposição fonêmica do /r/ ‘R forte’ e do /r/ ‘r fraco’ (carro:caro, erra:era, ferre:fere), enquanto na posição não intervocálica (pré-vocálica ou pós-vocálica) ocorre a neutralização dessa oposição, havendo uma distribuição complementar (‘R forte’ em início de palavra e depois de consoante, e ‘r fraco’ em coda).

Tendo em vista as duas posições entre a existência de um ou dois fonemas róticos em PB, e o fato de a proposta de Bisol (1996) ser a mais aceita na fonologia do português brasileiro, assumimos aqui a distinção fonêmica de ‘R forte’ e ‘r fraco’ intervocálicos para o português brasileiro e europeu.

Monteiro (2008) apresenta um quadro (adaptado abaixo) com desvios ortográficos de alunos da 2ª série do Ensino Fundamental (com cerca de 7 e 8 anos) de uma escola particular da cidade de Pelotas:

Quadro 1 – Contextos de desvios ortográficos

Contexto	Desvios encontrados
‘r’ fraco	–
‘r’ forte inicial	rriu, rratu, rraiva, rrádio
‘r’ forte pós-consonantal	enrolou
‘r’ forte intervocálico	corendo, varia, arumando, caregando

Fonte: Adaptado de Monteiro (2008, p. 87)

Segundo a autora, “a grafia do ‘r’ nos diferentes contextos tem uma regra bem definida e, se percebida pela criança, desde o início do processo de escrita ortográfica, pode levar à diminuição de erros relacionados a essa grafia” (Monteiro, 2008, p. 87). Assim sendo, podemos observar que

não houve erros com <rr> no lugar de <r> correspondentes ao fonema 'r fraco', ou seja, não foi possível encontrar algo como <parra>. Já em contextos em que o 'R forte' é grafado com <r> (início de palavra e antecedendo outra consoante), aparece a troca por <rr>, o que é explicado pela relação que a criança faz com o grafema <rr> e o fonema 'R forte'. Uma vez que a criança percebe que nem sempre o 'R forte' é grafado com <rr>, ela hipercorrigiu palavras com fonema 'R forte' e grafema <rr> para o grafema <r>. A autora argumenta que:

o 'r' inicial, por ter som forte, foi grafado com 'rr', desconsiderando o contexto inicial que determina a grafia de 'r' para representar o som forte nessa posição. Erros relacionados à grafia do 'r' fraco não aparecem nos dados de escrita das crianças estudadas, confirmando a tendência já verificada nos estudos de Melo e Rego (1998), Guimarães (2005) e Araújo, Garcia e Miranda (2007) segundo os quais, desde o início do processo de aquisição da escrita, elas já percebem a diferença entre o 'r' forte e fraco, o que torna mais fácil a grafia do 'r' fraco. Esses estudos também mostram que a utilização do 'rr' intervocálico é facilmente aprendida pela criança e, conseqüentemente, os erros relacionados a esse contexto não aparecem com frequência em seus dados de escrita. (Monteiro, 2008, p. 87)

Em relação a outras pesquisas em PB, Martins (2013) realiza um estudo de caso com crianças bilíngues do 1º, 2º e 3º ano do Ensino Fundamental, moradoras do município de Morro Reuter/RS e falantes de português e hunsrückisch, língua de imigração alemã. A autora busca analisar as influências interlinguísticas que envolvem consoantes oclusivas, fricativas e róticas na produção de fala e escrita em PB desses falantes. Em seus resultados, Martins (2013) apresenta e discute a ocorrência de processos fonético-fonológicos na produção de PB, por influência da língua de imigração, que possui somente o 'R forte' como fonema rótico. Conforme é exposto pela autora, a variedade interfere na aprendizagem e na produção do português, tanto na modalidade falada quanto escrita. Tomando o caso da escrita dos róticos em contexto intervocálico, Martins (2013) afirma que os dados demonstraram ocorrências dos processos de neutralização (troca de /r/ por /r/), com 59,3% de casos, e potencialização (troca de /r/ por /r/) com 1,5% de casos. Por fim, a autora conclui que o processo mais frequente, de todas as consoantes investigadas, foi a neutralização do rótico.

Também Silva (2015) avalia os segmentos róticos na fala e na escrita bem como sua percepção por estudantes do 2º ao 6º ano monolíngues da cidade de Pelotas/RS, e monolíngues e bilíngues de Arroio do Padre/RS. Nessa região, faz-se presente o pomerano, língua de imigração da antiga região europeia da Pomerânia, que também conta com apenas o 'r fraco' como fonema rótico. Os resultados do autor demonstraram uma interferência do pomerano na produção escrita

e falada dos róticos, apresentando diferentes variações tanto para falantes monolíngues quanto para bilíngues. No que se refere aos dados de escrita para a posição intervocálica de <rr>, registrou-se o índice de acerto de 76,7% para a amostra de bilíngues de Arroio do Padre e 94,1% e 89,7% para a amostra de monolíngues de Arroio do Padre e Pelotas, respectivamente. Quanto aos dados de escrita para a posição intervocálica de <r>, registrou-se o índice de acerto de 79,2% para a amostra de bilíngues, que se contrapõe aos índices de 93,3% e 92,7% para as amostras de indivíduos monolíngues de Arroio do Padre e de Pelotas, respectivamente.

Com isso, é possível observar que não há grandes variações na produção oral e escrita de segmentos róticos intervocálicos em estudos típicos de PB, sendo mais frequentes em estudos que envolvam situações de contato linguístico com línguas com somente um fonema rótico. Isso se aplica principalmente aos róticos intervocálicos correspondentes à grafia <r>, pois, como destaca Monteiro (2008), a regra do uso dessa grafia é logo aprendida pela criança no momento da aquisição da escrita. Dessa forma, e como também salientado por Martins (2013) e Silva (2015), situações de contato podem atuar no conhecimento fonológico das crianças, que tendem a trazer para sua fonologia e escrita em português influências das outras línguas do contexto em que estão inseridas.

4. Róticos em PP e PST

São escassos até agora os trabalhos que contemplam as variedades de português de São Tomé e Príncipe, especialmente no que concerne à fonética e à fonologia. Os estudos concentram-se principalmente nos campos de morfossintaxe e sintaxe. Além dessa desproporcionalidade, nas pesquisas há um maior enfoque na variedade de São Tomé, ao passo que a variedade do Príncipe não tem merecido tanto destaque.

No tocante à variedade portuguesa do Príncipe, Agostinho (2016) foi a primeira a argumentar que não há oposição fonológica entre ‘R forte’ e ‘r fraco’ em PP e PST. Trabalhos posteriores, como Agostinho (2017), Bouchard (2017), Pereira, Hagemeijer e Freitas (2018) e Agostinho, Soares e Mendes (2020a, 2020b), partem do pressuposto de Agostinho (2016), como será explicitado abaixo.

Agostinho (2016, 2017) discute os desvios ortográficos de róticos, focando em aspectos fonológicos do PP. A autora propõe que a variação ortográfica encontrada na escrita de falantes de PP e PST está relacionada ao fato de essas variedades não distinguirem ‘R forte’ e ‘r fraco’. A questão

que se coloca é que essas variedades possuem um sistema fonológico diferente daquele do português europeu e brasileiro, tratando-se, portanto, de um caso de natureza fonológica, o que pode ser uma influência do *lung'le*, língua crioula da região, que só possui um fonema rótico (Agostinho, 2015).

Em relação ao PST, Bouchard (2017), da perspectiva sociolinguística, apresenta um estudo acerca das consoantes róticas e da expressão do pronome sujeito. Em sua análise, a autora considera os fenômenos linguísticos descritos por meio de um viés social e ideológico, para compreender as mudanças e as escolhas linguísticas dos indivíduos. Diante de seus resultados, Bouchard revela que a produção oral dos róticos nessa variedade é inovadora, não sendo encontradas realizações similares nas demais variedades portuguesas, assim como o PB e PE. Seus dados demonstraram consideráveis taxas de neutralização entre a vibrante múltipla uvular /R/ para a posição de 'R forte' e o tepe /r/ para posição de 'r-fraco', especialmente nas faixas etárias mais jovens, de 12-18 anos, com um índice de 54,8%. Altas taxas de uso da fricativa uvular [ʁ], independentemente do contexto da palavra, também foram constatadas, apresentando maior índice na faixa etária de 20-29 anos, com 93,4%. Considerando esses resultados, Bouchard argumenta que a maior frequência da produção das fricativas posteriores nas referidas posições constitui uma marca da identidade são-tomense, que passou a ser desenvolvida após a independência do país.

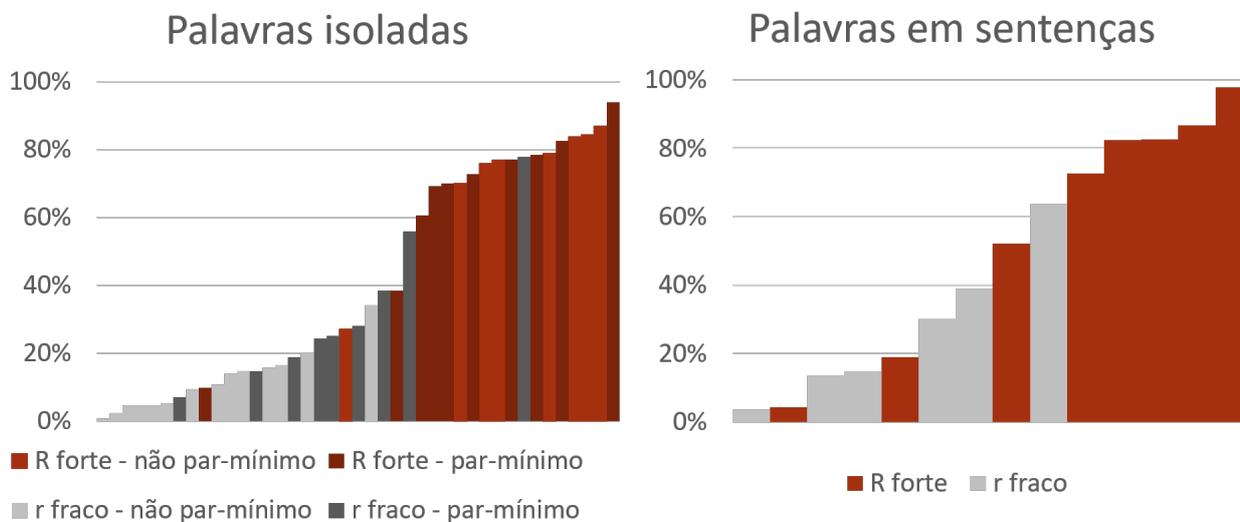
Também Brandão *et al.* (2017), num estudo no âmbito da sociolinguística variacionista, focalizam os róticos do português de São Tomé. De acordo com os autores, não fica visível a existência de contraste fonêmico entre 'R forte' e 'r fraco', conforme apontado por Agostinho (2016, 2017). Os dados dos autores apresentaram, por sua vez, que o fonema /R/ 'R forte' em contexto intervocálico pode ser realizado como tepe (sendo o mais recorrente), vibrante (podendo ser mais ou menos anterior), ou como fricativa uvular. Em contexto de início absoluto, do mesmo modo, foi constatado predomínio do tepe, seguido da vibrante alveolar e, em menor frequência, de outras variantes. Em relação ao /r/ 'r fraco', verificou-se a realização em maior frequência do tepe, ocorrendo as demais variantes nos demais dados. A presença de tepe em contexto de onset complexo também é significativa, e registrou-se, ainda, uma porção de cancelamentos e outra de realização de outras variantes. Os autores propõem que a referida variação no uso dos róticos pelos falantes de PST ocorre em virtude de um processo defectivo de aprendizagem das normas do PE. Também relacionam a questão com o fato de que, conforme apresentado por Ferraz (1979), o

crioulo forro, falado por aproximadamente 36% da população no país, não apresenta segmentos róticos no seu sistema fonológico.

Pereira, Hagemeyer e Freitas (2018) refletem acerca das variáveis linguísticas e sociolinguísticas subjacentes à variabilidade dos róticos presente no PST. Por meio dos dados dos autores, é possível observar intensa variação de realizações fonéticas de róticos, além de uma notável variação para cada falante. O resultado demonstrou que a realização mais frequente para o alvo /R/ 'R forte' é a fricativa uvular vozeada, e, em seguida, a vibrante múltipla alveolar, o tepe, a vibrante múltipla apicoalveolar e, em menor escala, as demais variantes róticas. Para o /r/ 'r fraco' em onset simples, a variante mais comum verificada foi a vibrante simples alveolar vozeada/tepe e, seguidamente, a fricativa uvular vozeada, apagamentos e demais variantes róticas. Realizações similares ocorrem na posição de onset simples, exceto pela maior presença de apagamentos. Em coda, por outro lado, o apagamento foi a realização mais recorrente, seguida de tepe, fricativa uvular, vibrante múltipla, entre outras em menor escala. Os autores confirmam mais uma vez a posição de Agostinho (2016), afirmando que a distinção fonológica entre 'R forte' e 'r fraco' não existe nestas variedades. No entanto, Pereira, Hagemeyer e Freitas (2018) consideram que os falantes tenham alvos diferentes em relação a /R/ e /r/, o que vai contra a posição assumida neste trabalho. Assumimos aqui que existe somente um fonema rótico e as diferentes realizações fonéticas são alofones destes róticos, condicionadas por fatores sociais.

A partir da análise de dados de róticos no PP, Agostinho, Soares e Mendes (2020a, 2020b), afirmam que ocorre uma fusão dos fonemas róticos em PP. Segundo os autores, esta fusão está ligada (i) ao contato linguístico com as línguas crioulas faladas na região e (ii) à sua baixa carga funcional no sistema do português. Ademais, os autores sugerem que contrastes quase-fonêmicos de baixa carga funcional tendem a se fundir em situações de contato intenso com idiomas com apenas um fonema rótico. Os autores argumentam que essa variedade portuguesa não distingue fonologicamente o 'R forte' e o 'r fraco', ao contrário do que se observa em estudos do PB e PE. Em relação aos dados escritos, os resultados mostram 69% de desvios ortográficos de <rr> e 19% de <r> para palavras isoladas. Nas sentenças, houve 70% de desvios de ortografia para <rr> e 30% para <r>. A média de desvios ortográficos nos róticos intervocálicos é de 41% em palavras isoladas e 43% em sentenças, o que demonstra que o conhecimento do contexto (no caso das palavras em sentenças) não foi relevante. Os resultados indicaram uma preferência pela ortografia <r> em todos os contextos, como pode ser observado abaixo:

Figura 1 – Desvios em palavras isoladas e em sentenças em relação à grafia de ‘R forte’ e ‘r fraco’, em que cada barra corresponde a uma palavra



Fonte: Adaptado de Agostinho, Soares e Mendes (2020b).

Com relação à variedade do PP, assumimos aqui a mesma posição em relação à perda de distinção fonológica e fusão fonológica apontada por Agostinho (2016, 2017) e Agostinho, Soares e Mendes (2020a, 2020b). Enfatizamos que não se trata de um processo de neutralização, como colocado por Bouchard (2017), Brandão *et al.* (2017) e Pereira, Hagemeijer e Freitas (2018), uma vez que processos de neutralização pressupõem distinção fonológica em outros contextos fonológicos, o que não é o caso. Em nossa análise, trata-se de um processo de fusão fonológica, uma vez que a distinção não é encontrada em nenhum contexto. Nesse sentido, PP e PST apresentam apenas um fonema rótico (cf. Agostinho, 2016; 2017; Agostinho, Soares e Mendes, 2020a; 2020b).

5. Róticos e ortografia em PP: discussão

Conforme explicitado na seção anterior, em PP e PST, diferentemente do PB e PE, não há distinção fonológica entre ‘R forte’ e ‘r fraco’ (cf. Agostinho, 2016). Em PP e PST os alofones róticos na posição de onset [r, R, x, γ, χ, ʁ, h, h̃, r] estão em variação livre (Agostinho, 2016), condicionada por fatores sociais (Bouchard, 2017; Pereira, Hagemeijer e Freitas, 2018), como pode ser observado nos exemplos abaixo.

Quadro 2 – Realizações das palavras ‘caro’ e ‘carro’ em PB/PE e PP/PST

Palavras	PB/PE	PP/PST
caro	['karɔ]	['kavɔ], ['karɔ], ['karɔ]
carro	['kahɔ], ['karɔ]	['kavɔ], ['karɔ], ['karɔ]

Fonte: elaboração própria.

No contexto do rótico intervocálico⁴, há a variação livre dos fones [ɐ, r]. Por exemplo, foi atestada a ocorrência do rótico uvular [ɐ]⁵ nos contextos em que teríamos distinção de ‘R forte’ ou ‘r fraco’ em português: ‘caro’ e ‘carro’. Nessa variedade, palavras com [r] intervocálico podem ser proparoxítonas, como ‘máscara’ ['maskava] e ‘câmera’ ['kẽmɛvɛ].

Os exemplos abaixo foram produzidos pelo mesmo falante durante a mesma produção de fala em nosso *corpus*:

- (1) a. Ela vai embo[ɐ]a dela⁶.
 b. Estou a ir embo[r]a meu é.
 c. Eles estão a ir embo[r]a deles.

Podemos observar em (1) que o falante utiliza três fones [ɐ, r, r] na palavra ‘embora’ para o que seria o fonema /r/ em PB e PB. As produções são tanto de ‘r fraco’ como de ‘R forte’, o que demonstra a falta de oposição fonológica dos róticos nesta variedade.

Rougé (2004) afirma que a realização da vibrante simples alveolar em posição intervocálica como múltipla é um traço da herança crioula latente na Ilha e nos substratos linguísticos que coabitam com o português na região. Segundo Agostinho (2015), em lung’le não há distinção fonêmica entre ‘R forte’ e ‘r fraco’, e a consoante vibrante alveolar /r/ aparece em início e meio de palavra como primeiro ou segundo elemento do onset, podendo ser realizada como vibrante múltipla [r] ou vibrante simples [ɐ], em variação livre em início de sílaba.

A partir destas noções, podemos observar o caso da alfabetização dos róticos no português

⁴ Não trataremos aqui dos róticos em outras posições.

⁵ O [ɐ] também pode ocorrer na segunda posição do onset, como em ‘professor’ [pɐʃofɛ'so]

⁶ Esta estrutura em PP é uma influência do lung’le, em que há a construção *we ki* ‘ir com’ + pronome possessivo com significado de ‘ir embora’.

de São Tomé. Agostinho, Soares e Mendes (2020a, 2020b) apresentam dados da produção escrita, coletados em uma escola do Príncipe com 145 crianças entre 10 a 12 anos, por meio de um ditado com 48 palavras com róticos intervocálicos (41 palavras com 9 pares mínimos) e 13 sentenças (com 7 pares mínimos) pronunciadas por um falante de português brasileiro. Os autores afirmam que os resultados demonstraram que os falantes de PP não diferenciam pares mínimos ‘R forte’ e ‘r fraco’ isoladamente nos dados de fala. Quanto aos dados escritos, os resultados mostraram 69% de erros de ortografia de <rr> e 19% de <r> para palavras. Nas frases, houve 70% de desvios ortográficos para <rr> e 30% para <r>. A média de desvios ortográficos nos róticos intervocálicos foi de 41%, sendo que a ortografia de <r> e <rr> intervocálicos é facilmente aprendida por crianças falantes de PB de 7 a 8 anos de idade (Monteiro, 2008). Os resultados demonstram, segundo os autores, que o português do Príncipe perdeu a distinção fonológica entre ‘R forte’ e ‘r fraco’, encontrada em português brasileiro e europeu. Ao mesmo tempo, os autores sugerem que este fato é resultado do contato linguístico com o *lung’le*, que possui apenas um fonema rótico.

Sendo assim, o sistema fonológico desta variedade é diferente do da variedade ensinada nas escolas (PE) e os professores deveriam estar preparados para lidar com esta questão.

Serra (em preparação) coletou dados de desvios ortográficos feitos pelos alunos da escola do ensino médio (média de 17 anos) em Santo António, na Ilha do Príncipe, ao longo do ano letivo de 2013/14. O autor chama a atenção para o uso do grafema <rr> no lugar de <r> em algumas palavras que teriam o ‘r fraco’ na variedade padrão, o que não ocorre nos dados dos alunos brasileiros de Monteiro (2008). Observemos alguns dados:

- (2) A proposta final *parece* a melhor para Príncipe.
- (3) *Parra* nós é melhor ter *turismo* com mais condição.
- (4) O *turismo* traz *turrista* para economia e trabalho para pessoas.
- (5) Os *voadores* tem muita ganância e *querrem* mais poder que Deus deu para eles.

Nos dados acima, observamos o uso de <rr> (*parece*, *parra*, *turrista*, *querrem*) e de <r> (*turismo*, *voadores*) em contextos de ‘r fraco’ nas variedades padrão, diferentemente do que foi observado nos dados de Monteiro (2008). O autor afirma que o “o uso da grafia <rr> verificada na ortografia dos alunos do Príncipe contraria as regras apresentadas e, pelo carácter aleatório com que surgem, não permitem concluir uma realização padrão passível de tipificação.”

Em nossos dados, também encontramos o <r> em contextos em que o padrão é o ‘R forte’, como na grafia das palavras ‘barriga’, ‘carro’, ‘varria’ e ‘carrinho’:

- (6) Dizer boca, *bariga*, cabeça, donti etc.
- (7) O *caro* é muito caro.
- (8) Ela *varia* a casa todo dia.
- (9) Meu *carinho* de brinquedo quebrou.

A partir destes dois grupos de exemplos, podemos dizer que aquilo que Serra (em preparação) chama de aleatório pode ser explicado através da constatação de que a variedade em questão não faz distinção entre ‘R forte’ e ‘r fraco’. Em outras palavras, o aluno usa aleatoriamente <r> por <rr> e vice-versa por não distinguir esses dois fonemas. Se ‘carro’ [‘kaʁʊ] se escreve com <rr>, ‘para’ [‘paʁe] também poderá ser escrito com <rr>. Os nossos dados mostram a hipercorreção feita pelos alunos na ortografia: se ‘caro’ [‘kaʁʊ] se escreve com <r>, ‘barriga’ [ba‘ʁige] também deverá ser escrita com <r>.

O autor argumenta que “não estamos, portanto, perante apenas um caso de natureza ortográfica”. A questão que se coloca aqui é o fato de essa variedade possuir um sistema fonológico diferente do português europeu e brasileiro, o que pode ser uma influência do lung’le, que conta com apenas um fonema para os róticos.

Em relação às línguas crioulas faladas na região, é possível observar que não há contraste entre os sons róticos. O forro e o angolar não possuem fonemas róticos, e o lung’le possui apenas um fonema rótico, que pode ser realizado como [r] ou [r] em variação livre em início de sílaba (Agostinho, 2015). O kabuverdianu possui apenas um fonema que pode ser realizado como [r] ou [r] em início de sílaba. Em variedades mais próximas ao português pode haver distinção de caro:carro (Lang, 2002).

Segundo Agostinho, Soares e Mendes (2020a, 2020b), o contraste dos róticos no português do século XV parece ter se enfraquecido durante o surgimento de crioulos portugueses na África – lung’le, santome, angolar, fa d’Ambô, kabuverdianu e guineense -, pois todas essas línguas não possuem mais de um fonema rótico. O PP está em contato com três crioulos que não têm contraste rótico. Segundo os autores, o enfraquecimento do contraste nos róticos também é encontrado em variedades de português falado em Moçambique em contato com línguas bantu e em espanhol

falado em Annobón, Guiné Equatorial, onde o fa d’Ambô é falado. No Brasil, variedades em contato com dialetos italianos e germânicos não geminados também perderam o contraste, e desvios ortográficos de róticos nesses casos são mais comuns do que em outras variedades de português brasileiro. Todas essas variedades de português e espanhol estão em uma situação de contato com idiomas com apenas um rótico há um longo período, o que sugere que contrastes quase-fonêmicos de baixa carga funcional tendem a se fundir em situações de contato intenso com idiomas com apenas um fonema rótico.

Com base em Monteiro (2008), Martins (2013) e Silva (2015), os desvios de <r> por <rr> em contexto intervocálico parecem ser mais comuns nos dados do PP do que nos dados do PB. De fato, essa é uma realização esperada, haja vista que propomos não haver distinção fonológica quanto aos sons róticos na variedade do Príncipe. Ao contrário da sugestão de Serra (em preparação), de que para o aluno a regra de uso <r, rr> é aleatória, enfatizamos a ausência de contraste fonológico nessa variedade, que apresenta somente um fonema rótico em seu sistema.

Nesse sentido, destaca-se a possível influência fonética-fonológica das línguas crioulas que convivem com o português na Ilha do Príncipe. Como é salientado nas pesquisas de Martins (2013) e Silva (2015), que apresentam dados de variação similar na ortografia de alunos em PB, mas não tão expressivos quanto do PP, as línguas que convivem com o português nesses contextos têm um papel no processo de construção da escrita dos alunos, que se apoiam na oralidade para a produção ortográfica em português.

Tanto na variedade do Príncipe quanto na do Brasil mostra-se relevante aos professores para o processo ensino-aprendizado de seus alunos (re)conhecer a natureza dos desvios encontrados na ortografia do português. Essa reflexão deve ser realizada, primeiramente, no tocante ao próprio sistema ortográfico, que não apresenta relação biunívoca entre os grafemas e os fonemas róticos. A esse respeito, além disso, propomos que se deve incentivar os alunos a refletirem sobre a relação entre a fala e a escrita. Por exemplo, tomamos o caso de desvios de <r> em contextos de início absoluto de palavra e após coda não-vocóide. Em virtude do fato de ser ocupado pelo som de ‘R forte’ na fala, esse ambiente pode suscitar uma confusão ao aluno, que acaba empregando grafema <rr>. Os desvios de <rr> em contexto intervocálico no qual deveria ser ocupado por <r>, por sua vez, podem significar um processo de hipercorreção.

Enfatizamos que o aluno falante de PP não vai saber a grafia dos róticos intervocálicos a partir do som, como ocorre em PE e PB. Para ele, a regra de uso de <r> e <rr> intervocálicos é

estritamente etimológica. Ou seja, o tratamento dado a ela deve ser o mesmo dado ao uso de <x> e <ch> para [ʃ] e <ss/s> e <ç> para [s], por exemplo. Sendo assim, propomos que são necessárias atividades de ensino e aprendizagem específicas que tratem também de variação fonológica, e não apenas fonética. O fato de esses desvios serem encontrados em PP de alunos do ensino médio e superior corrobora a necessidade de sua consideração na escola.

6. Conclusão

Este texto pretendeu mostrar que a fonologia do português do Príncipe difere da do português brasileiro e europeu quanto aos róticos e que este fato se reflete na ortografia dos alunos na Ilha do Príncipe. Nesse sentido, corroboramos a afirmação de que o PP não possui distinção fonológica de segmentos róticos, conforme proposta por Agostinho (2016, 2017), e demonstramos que essa fusão fonológica (cf. Agostinho, Soares e Mendes 2020a, 2020b) está presente na escrita de alunos na Ilha do Príncipe. Enfatizamos que não se trata de um processo de neutralização fonológica como proposto por outros autores (cf. Bouchard, 2017; Brandão *et al.*, 2017; Pereira, Hagemeyer e Freitas, 2018) e que o sistema fonológico do PP e do PST possui somente um fonema rótico. Nesse sentido, o PP e o PST possuem uma gramática fonológica diferente do PB e PE.

Sendo assim, discutimos o fato de que a regra de uso de <r> e <rr> não reflete uma distinção fonológica em PP, como é o caso em PE e PB. Acreditamos, como proposto por Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2015), que o professor deva estar preparado para lidar com a variedade do PP a fim de entender de onde vêm os desvios ortográficos dos alunos, em vez de considerá-los como aleatórios, como “conflitos referentes à pronúncia de alguns sons” (Serra, em preparação) ou como uma “confusão global que caracteriza o português falado no país” (Serra, em preparação), uma vez que os desvios encontrados são reflexo de um sistema em que a distinção ortográfica de <r> e <rr> não pode ser aplicada.

A isso somamos a proposição de que a mesma postura pode ser adotada pelos professores de português no Brasil em face dos dados apresentados por Martins (2013) e Silva (2015), que demonstram ausência de distinção entre ‘r fraco’ e ‘R forte’, por influência de línguas de imigração germânica e italiana. Mostra-se importante também para o ensino do Brasil, portanto, adotar determinados procedimentos de ensino-aprendizado, como os mencionados, inclusive no que se refere a situações de contato entre o português e outras línguas, que acabam por implicar na escrita

dos estudantes do sistema ortográfico do português brasileiro.

Propomos que, na prática pedagógica, o professor passe a refletir e reconhecer quais as variações fonético-fonológicas se relacionam aos desvios ortográficos de seus alunos: elas podem advir, por exemplo, da própria falta de compatibilidade entre fonema e grafema do sistema e/ou de influências de outras variedades linguísticas. Em seguida, o profissional pode estimular a mesma reflexão por parte dos estudantes, para que eles consigam ponderar acerca do próprio sistema ortográfico corrente, do elo entre a produção oral e escrita da língua, e da relação entre língua e identidade individual e social.

Referências

ABAURRE, M. B. M.; SANDALO, M. F. S. Os róticos revisitados. In.: HORA, D. da; COLLISCHONN, G. (Orgs). *Teoria linguística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora Universitária. 2003. P.144-180.

AGOSTINHO, A. L. *Fonologia e método pedagógico do lung'le*. 2015. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-22062015-141126/pt-br.php>>. Acesso em: 05 de abr. de 2020.

AGOSTINHO, A. L. *Róticos em contexto intervocálico no Português da Ilha do Príncipe: fonologia e educação*. Trabalho apresentado no IX Encontro Internacional da Associação Brasileira do Contato Linguístico, 28-30 de novembro, 2016. Brasília: Universidade de Brasília. Resumo disponível em: <<https://encontroabecs.wordpress.com/cad-de-resumos/>>. Acesso em: 1 de mar. de 2020.

AGOSTINHO, A. L. *A grafia dos róticos intervocálicos no português da Ilha do Príncipe, São Tomé e Príncipe*. Trabalho apresentado na V Jornada do VARSUL, 06-08 de abril, 2017. Curitiba: Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

AGOSTINHO, A. L.; BANDEIRA, M. *Línguas nacionais de São Tomé e Príncipe e ortografia unificada*. Revista Internacional em Língua Portuguesa, n.31, p.209-229, 2017. Disponível em: <<https://www.rilp-aulp.org/index.php/rilp/article/view/RILP2017.31.9>>. Acesso em: 10 de jan. de 2020.

AGOSTINHO, A. L.; SOARES, E; MENDES, M. C. *Fusão de quase-fonemas em situações de contato: evidência de róticos em português principense*. Trabalho apresentado no I Encontro Online de Fonética e Fonologia, 30 de junho, 2020. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Resumo disponível em: <<https://sites.google.com/view/enoff/programa%C3%A7%C3%A3o?authuser=0>>. Acesso em: 3 de jul. de 2020.

AGOSTINHO, A. L; SOARES, E; MENDES, M. C. *Merging of quase-phonemes in contact situations: Evidence from rhotics in Principense Portuguese*. Trabalho apresentado no Annual Meeting on Phonology 2020, 18-20 de setembro, 2020. Santa Cruz: University of California, Santa Cruz.

Resumo disponível em:

<<https://drive.google.com/file/d/1Lkn5MXdiJ39abceSWC7Rkheaa96y9b5u/view?usp=drivesdk>>.

Acesso em: 20 de set. de 2020.

BANDEIRA, M. *Reconstrução fonológica e lexical do protocioulo do Golfo da Guiné*. 2017. 437f.

Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em:

<<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-05042017-134159/pt-br.php>>. Acesso em: 08 fev. 2020.

BAXTER, A. N. ‘Semicreolization’? – The restructured Portuguese of the Tongas of São Tomé, a consequence of L1 acquisition in a special contact situation. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 1, p.7-39, 2002. Disponível em: <https://jpl.letras.ulisboa.pt/articles/abstract/10.5334/jpl.47/>. Acesso em: 06 de jun. de 2020.

BAXTER, A. N. The development of variable NP plural agreement in a restructured African variety of Portuguese. In.: ESCURE, G.; SCHWEGLER, A. (Eds.). *Creoles, contact and language change: Linguistics and social implications*. Amsterdam: John Benjamins, 2004. p.97-126.

BISOL, L. (Org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

BLEVINS, J. The syllable in Phonological Theory. In.: GOLDSMITH, J. (Ed.). *Handbook of phonological theory*. London: Basil Blackwell, 1995. p.206-244.

BOUCHARD, Marie-Eve. 2017. *Linguistic variation and change in the Portuguese of São Tomé*. Tese de Doutorado - Department of Linguistics, New York University, 2017. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/321184199_Linguistic_variation_and_change_in_the_Portuguese_of_Sao_Tome>. Acesso em: 07 de mar. 2020.

BRANDÃO, S. F. *et al.* Róticos na variedade urbana do Português de São Tomé. *Papia Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico*, v. 27, 2017. p.293-315. Disponível em:

<<http://revistas.fflch.usp.br/papia/article/view/2762>>. Acesso em: 10 de fev. 2020.

CALLOU, D.; LEITE; Y. *Iniciação à fonética e à fonologia*. Zagar: Rio de Janeiro, 1990.

CAMARA JR.; J. M. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

CAMARA JR.; J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 47. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1970.

CARDOSO, H. C.; HAGEMEIJER, T.; ALEXANDRE, N. *Crioulos de base lexical portuguesa*. In.: *Manuel des anthologies, corpus et textes romans*. Mouton de Gruyter: 2015. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/329170139_Crioulos_de_base_lexical_portuguesa>. Acesso em: 10 de fev. de 2020.

CARVALHO, A. M; LUCCHESI, D. Portuguese in Contact. In.: WETZELS, W. L.; COSTA, J.; MENUZZI, S (Eds.). *The Handbook of Portuguese Linguistics*. India: Editorial Offices. 1. ed. 2016. p.41–55.

FERRAZ, L. *The Creole of São Tomé*. Johannesburg: Witwatersrand University Press. 1979.

GONÇALVES, R.; HAGEMEIJER, T. O português num contexto multilíngue: o caso de São Tomé e Príncipe. *Revista Científica da Universidade Eduardo Mondlane*, v. 1, n.1, p.84-103, 2015. Disponível em: <<http://www.revistacientifica.uem.mz/index.php/LCS/article/view/56>>. Acesso em: 20 de jan.

de 2020.

GÜNTHER, W. *Das portugiesische Kreolisch der Ilha do Príncipe*. Marburg an der Lahn: Im Selbstverlag. 1973.

HAGEMEIJER, T. *As línguas de S. Tomé e Príncipe*. *Revista de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola*, v. 1, 2009, p.1-27. Disponível em: <<http://www.acblpe.com/revista/volume-1-2009/as-linguas-de-s-tome-e-principe>>. Acesso em: 06 de mar. de 2020

HUALDE, J. I. *Quasi-phonemic contrasts in Spanish*. University of Illinois at Urbana-Champaign, 2004. Disponível em: <https://moam.info/quasi-phonemic-contrasts-in-spanish-speech-prosody_59d85ad11723dd052687489f.html>. Acesso em: 05 de mar. de 2020.

LANG, J. *Gramática do Crioulo da ilha de Santiago (Cabo Verde)*. 2002. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/pt/document/read/16081891/gramatica-do-crioulo-da-ilha-de-santiago-cabo-verde-opus>>. Acesso em: 09 de nov. de 2020.

MARTINS, R. L. *Influências interlinguísticas na fala e na escrita de crianças bilíngues falantes do português e do hunsrückisch: consoantes oclusivas, fricativas e róticas*. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2153>>. Acesso em: 10 de jan. de 2020.

MASSINI-CAGLIARI, G.; CAGLIARI, L. C.; REDENBARGER, W. J. A Comparative Study of the Sounds of European and Brazilian Portuguese: Phonemes and Allophones. In.: WETZELS, W. L.; COSTA, J.; MENUZZI, S (Eds.). *The Handbook of Portuguese Linguistics*. India: Editorial Offices. 2016. p.56-68.

MATEUS, M. H. M.; D'ANDRADE, E. *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press. 2000.

MAURER, P. *Principense: Grammar, Texts, and Vocabulary of the Afro-Portuguese Creole of the Island of Príncipe, Gulf of Guinea*. Londres: Battlebridge Publications. 2009.

MONTEIRO, C. R. *A aprendizagem da ortografia e o uso de estratégias metacognitivas*. 2008. 171f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2008. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/geale/files/2010/11/MONTEIRO.pdf>>. Acesso em: 10 de jan. de 2020.

MYERS-SCOTTON, C. *Contact Linguistics: Bilingual Encounters and Grammatical Outcomes*. New York: Oxford University Press. 2002.

PEREIRA, R; HAGEMEIJER, T; FREITAS, M. J. Consoantes róticas e variação no português de São Tomé. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, n.4, 09/2018, p.206-224. 2018. Disponível em: <<https://ojs.apl.pt/index.php/rapl/article/view/41>>. Acesso em: 10 de jan. de 2020.

RONA, J. P. *El dialecto fronterizo en el norte del Uruguay*. Montevideu: Librería Adolfo Lunardi, 1965.

ROUGÉ, J.-L. *Dictionnaire étymologique des creoles portugais d'Afrique*. Paris: Karthala. 2004.

ROUGÉ, J.-L. Les langues des Tonga. In.: D'ANDRADE, E.; KIHM, A. (Eds.). *Actas do colóquio sobre crioulos de base lexical portuguesa*. Lisboa: Colibri, 1992. p.171-176.

SANTIAGO, A. M.; AGOSTINHO, A. L. Situação linguística do português em São Tomé e Príncipe. *A Cor das Letras*, v. 21, n.1, p. 39-61, janeiro-abril de 2020. Disponível em: <<http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/4970>>. Acesso em: 5 de jun. de

2020.

SEARA, I. C.; NUNES, V. G.; LAZZAROTTO-VOLCÃO, C. *Para conhecer fonética e fonologia do português brasileiro*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

SEIBERT, G. Colonialismo em São Tomé e Príncipe: hierarquização, classificação e segregação da vida social. *Anuário Antropológico*, n.2, p.99-120. 2015.

SERRA, A. *Português na Ilha do Príncipe: apresentação de desvios linguísticos na expressão escrita de alunos do ensino secundário*. Em preparação. Évora: Universidade de Évora.

SILVA, F. B. da. Produção oral e escrita dos róticos em Arroio do Padre (RS): avaliando a relação português/pomerano com base na fonologia gestual. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2015. Disponível em: <<http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/ri/2726>>. Acesso em: 5 de maio de 2020.

THOMASON, S. G. *Language Contact*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2001.

VALKHOFF, M. F. *Studies in Portuguese and Creole*. Johannesburg: Witwatersrand University Press, 1966.
